

EXPOSIÇÃO MARGENS: DIFERENTES FORMAS DE HABITAR PELOTAS - ALGUMAS REFLEXÕES

PATRÍCIA SANTOS DA ROSA¹; LOUISE PRADO ALFONSO²

¹*Universidade Federal de Pelotas- psantosdarosa@gmail.com*

²*Universidade Federal de Pelotas- louise_alfonso@yahoo.com.br*

1. APRESENTAÇÃO

O Seguinte trabalho foi desenvolvido durante uma exposição realizada pela equipe do Projeto de Pesquisa intitulado Margens – Grupos em processos de exclusão e suas formas de habitar Pelotas. A exposição aconteceu no âmbito da quinta edição do Dia do Patrimônio na cidade de Pelotas, que teve como temática Territórios Daqui: Identidades e Pertencimento. O evento ocorreu no período de 18, 19 e 20 de setembro de 2017. O Dia do Patrimônio apresenta diferentes atividades como exposições, manifestações artísticas, entre outras atividades que acontecem em diversos locais da cidade, em especial nos casarões tombados como Patrimônio no centro da cidade de Pelotas. A exposição em apreço aconteceu na Casa 2 – Centro Cultural Adail Bento Costa, na sala Iná D’Ávila, localizado na Praça Coronel Pedro Osório, no Centro Histórico.

O Projeto de Pesquisa Margens abrange diversos projetos de extensão desenvolvidos pelo Grupo de Estudos Etnográficos Urbanos – GEEUR, do Curso de Antropologia da UFPel, sendo estes: Terra de Santo: patrimonialização de terreiro em Pelotas, Mapeando a Noite: o universo travesti, Narrativas do Passo dos Negros: exercício de etnografia coletiva para antropólogas/os em formação, História e cultura Afro indígena na escola e O trabalho doméstico entre o passado e o presente. Todos os projetos de extensão trabalham temas como: exclusão, territorialidade, formas de habitar a cidade, identidade e pertencimento.

A exposição contou com um módulo de cada projeto. O primeiro reconstituiu uma terreira com roupas e objetos representativos de casas de religião de matriz africana. O segundo trouxe trabalhos realizados por alunos da Escola Municipal Deogar Soares no âmbito do curso de formação sobre história e cultura Afro indígena. O terceiro módulo apresentou demandas das trabalhadoras domésticas por meio de materiais e objetos de limpeza e a reprodução de uma carteira de trabalho representando a luta trabalhista da categoria. O módulo seguinte trouxe roupas, maquiagens, perucas, sapatos, espelhos e banners representando travestis que faleceram nos últimos anos na cidade, destacando a luta de lideranças contra a homofobia. O módulo do Passo dos Negros foi composto por um troféu do Osório Futebol Clube selecionado pela própria comunidade, um mapa da região do Passo dos Negros, fotos da localidade e narrativas de moradoras/es. A exposição contava ainda com um painel interativo para que as pessoas participassem da concepção da exposição ao responder perguntas sobre o habitar a cidade. Todos os módulos apresentavam banners com questionamentos que procuravam propiciar reflexões das/os visitantes sobre as temáticas trabalhadas. Mais de vinte mediadores de diferentes cursos da UPEL buscaram conversar e debater as temáticas com as/os visitantes.

Considerando a importância da avaliação de exposições, efetuamos o acompanhamento das visitações com a preocupação de saber quais seriam as impressões das pessoas sobre a exposição, como estas se apropriaram dos debates propostos e se a forma como os módulos foram organizados atenderam as expectativas do público. Cury (2009: 275) ao abordar a pesquisa em museus, nos fala sobre a importância das avaliações das expografias, pois “a avaliação alimenta, ajusta, adequa, corrige, faz o sistema andar em direção aos objetivos

traçados e aos propósitos [...]” desejados. Os resultados são importantes para, em posse destas informações, avaliarmos em conjunto as atividades e organizarmos o planejamento de ações de continuidade do projeto junto à comunidade. A autora ainda ressalta, que “Planejamento é pensar e agir, sendo que a avaliação move o processo nos limites definidos pela equipe de profissionais e cria uma consciência sobre o processo e a tomada de decisão” (2009: 275).

2. DESENVOLVIMENTO

Enquanto ocorria dentro do Casarão a Exposição, me posicionei nas tardes dos dias 19 e 20 de setembro, estratégicamente, próximo à saída dos fundos do prédio que dava para um jardim, onde as pessoas passariam para poder visita-lo. O jardim tratava-se de um lugar propício para sentar, tirar fotos, as crianças brincarem e, também, tratava-se de lugar de passagem para os próximos dois salões, onde haviam outras exposições.

De posse de uma caneta e a famosa caderneta da/o antropóloga/o para anotações, abordava as pessoas e perguntava o que elas haviam achado da exposição e o que havia chamado mais sua atenção. Expliquei a elas que participava do grupo e que queríamos saber a opinião das pessoas sobre a ação. Algumas de imediato verbalizaram que a avaliação seria algo muito bom, já que possibilitaria um feedback do nosso trabalho.

3. RESULTADOS

Em geral, pude notar que as expressões mais usadas pelas/os visitantes foram: Legal, interessante, gostei. O que de imediato já demonstra que a exposição acessou as/os visitantes. O público alvo contou com turistas, docentes e discentes de escolas de Pelotas e região, grupos religiosos e comunidade em geral. A presença de atuais e ex alunos de universidades também foi frequente. Uma ex aluna do curso de museologia da UFPEL fez uma comparação entre o evento no ano de 2016 e o evento de 2017, ressaltando que está “ótimo, mais legal esse ano.” Tal afirmação pode demonstrar que houve um maior reconhecimento da visitante quanto às temáticas trabalhadas em 2017 pelo evento.

Uma professora do município, que também trabalha com turismo em Pelotas, mencionou que o que motivou sua ida à exposição foi ver como esta poderia trazer dados e ideias para o seu trabalho em sala de aula. Cabe aqui ressaltar o papel educativo das exposições e as possibilidades destas serem ferramentas pedagógicas para o trabalho em sala de aula.

Embora todos os projetos tenham sido mencionados durante a pesquisa, o Projeto sobre o Passo dos Negros foi o mais destacado pelas/os visitantes. Acredito que um dos motivos para tal destaque seja a identificação das pessoas com o local. Como exemplo cito uma senhora que mencionou ter se criado na Chácara da Brigada. Outras duas pessoas mencionaram morar próximo ao Passo. Outro senhor contou que a avó tinha terras ao lado do Engenho e que seu tio comprava e vendia peixes ali na peixaria, pois tinha banca no mercado público. Outro elemento ressaltado por uma senhora, foi quanto ao Passo dos Negros ter uma paisagem de uma região rural e estar na cidade: “o urbano e o rural dentro da cidade, interessante”.

As/os Visitantes também mencionaram as reportagens que saíram no Diário Popular sobre a preservação do local e a questão dos empreendimentos que estão ali se instalando. Duas senhoras mencionaram a escritora Zênia De Leon e o seu texto sobre o Passo dos Negros e a conservação da ponte construída pelos escravos, uma me perguntou o que eu achava: “Tem empreendimento mesmo?” Respondi que sim e completou: “Temos que lutar”. O Passo dos Negros representa um local de valorização e resistência da cultura negra na cidade. Consideramos

que estas falas apresentam resultados de outras ações do Projeto de extensão que geraram uma das reportagens no jornal, a avaliação da exposição assim, possibilitou evidenciar que as ações do projeto estão acessando a comunidade mais ampla, não acadêmica. Destacamos assim que o projeto está cumprindo seu papel enquanto extensão universitária.

Sobre o módulo relacionado às casas de religiões de Matriz Africana, foi destacado o trabalho social voltado para crianças que é desenvolvido por algumas casas, como a ajuda psicológica e aulas de reforço escolar. As vestimentas apresentadas na exposição chamaram atenção. Um casal negro mencionou que gostou de ver esse módulo logo na entrada, pois “Nota-se né?”

O módulo referente ao trabalho doméstico propiciou identificação com a profissão. Várias foram as falas de crianças sobre conhecerem trabalhadoras e uma entrevistada disse que foi trabalhadora doméstica por dez anos. O projeto Mapeando a Noite gerou reflexões sobre preconceito e luta contra a homofobia. Destacaram a homenagem às travestis que faleceram nos últimos anos e a importância das denúncias. Pode-se notar que ambos os projetos foram os menos mencionados e comentados diretamente. Acredito que isto represente a maior resistência aos assuntos, não concordância ou dificuldade das pessoas em abordá-los. A fala “Travesti assunto que pouca gente aborda”, demonstra a importância das temáticas serem abordadas nestes eventos.

A exposição dos trabalhos realizados pelas escolas sobre cultura afro indígena chamou muita atenção das crianças, as máscaras, as bonequinhos abayomis e uma reconstituição de uma pelota foram mencionadas pelas crianças. Os adultos mencionaram sobre a beleza das máscaras, uma visitante, inclusive, destacou que o material é feito de sementes, que em casa ela "bota fora". Duas senhoras comentaram estarem surpresas com a presença dos trabalhos escolares. Uma professora do município relatou que para ela, o que chamou atenção é que em um outro casarão estava presente a Escola Mário Quintana. “Aqui é nosso”. Diferentes escolas estão preocupadas em trabalhar.” Cabe ainda destacar que a exposição teve ampla divulgação na mídia e que este módulo foi aquele escolhido pelas diferentes jornalistas como fundo para as entrevistas. Provavelmente, por ser temática menos polêmica.

Ressaltaram ainda a importância de se falar sobre os povos africanos, sua história e suas influências. Destacaram que a cultura negra é pouco visibilizada, pois sempre a história enfocou o europeu ou trouxe os negros como escravos. Falaram das transformações destas narrativas serem de fundamental importância, pois a comunidade negra está “às margens da sociedade, me chocou. Quando fico sabendo, fico chocada”. Uma senhora relatou que seu filho adolescente disse que não iria ao casarão, dizendo “Não vou ver, foi construído pelo sangue negro”. Um grupo debateu sobre a escravidão que “continua, não é escravidão, mas é desrespeito ao trabalho”.

É interessante ressaltar que a expressão “positivação” foi mencionada em mais de uma vez, referente aos negros e outra num sentido geral. No sentido de empoderamento e valorização, “positivando pessoas para serem reconhecidas para não sofrerem tanto preconceito”; “os assuntos bem variados e explorados, valorizam pessoas, seu contexto e sua cultura” ou “valorização dos invisibilizados, dos grupos subalternos”.

Teve também quem não gostou da exposição, dos trabalhos apresentados. “Queria mais pessoas dando informações da casa, me contando a história de Pelotas, o que as pessoas viveram aqui e não aquilo ali, não tem nexo”. Outra senhora disse que “geralmente são mais os prédios, casarões, construções” e que só tinha interesse nos prédios e teve quem não se interessou e justificou por se

arquiteto e sua visão estava voltada apenas para a conservação e restauro, os prédios e a arquitetura. Criticaram não haver objetos de época nos porões. Outros mencionavam a má conservação dos prédios que poderiam ser ocupados por alguma secretaria e assim seriam melhor conservados ou estarem abertos à população durante todo o ano, ressaltando a importância de despertar na criança o interesse pelo patrimônio. “Os adolescentes não sabem a cultura, a história que tem dentro”. Estas afirmações estão diretamente relacionadas à forma como o evento vem sendo realizado desde 2013, destacando o patrimônio imóvel. Demonstra como as políticas públicas de patrimônio do município têm ressaltado o patrimônio material. Ainda os casarões são considerados mais importantes que as pessoas e suas narrativas sobre a cidade.

Outro casal achou “tudo muito artificial, foi exposto tudo certinho, arrumado, limpo”. Um senhor afirmou ser tudo “muito confuso”, por não ser da área não entende bem. Algumas pessoas alegaram não ter parado pra olhar; que estava muito cheio; ou olhou apenas um ou dois módulos. Ou haviam entrado direto e depois voltariam para olhar. Ou estavam com pressa. Isto ocorreu mais no último dia do evento, quando a movimentação era intensa e haviam diversas outras atrações concomitantes. Muitas pessoas tentaram ver rapidamente o maior número de atrações possível, antes da finalização do evento. Mas ficou a questão: ou será que não tiveram interesse? Ou não gostaram do que viram? Acredito, ter sido o caso de alguns, devido às temáticas abordadas serem pela sociedade silenciadas, ignoradas ou envolvidas de preconceitos.

4. AVALIAÇÃO

Considero que atingimos o objetivo de avaliação sobre a exposição. Aprendi o quanto é importante divulgar para a comunidade nossas ações e o quanto esse diálogo é necessário para verificarmos como são compreendidos os assuntos e a maneira como foram expostos. Todas as considerações serão levadas em conta em nossas futuras ações. Concluo que quem se dispôs a falar o que achou foi tocado pelo que viu e ouviu e, até mesmo, quem por algum motivo não quis se expressar e/ou evitou alguns módulos também o foram tocados, pois sua reação também nos diz muito. Muitos demonstraram ter a ideia de que patrimônio são prédios e bens materiais ou histórias das vidas de pessoas da elite, não considerando que a história é feita de passados diversos, mas também de presente. Que as minorias e seus modos de vida no passado e no presente também fazem parte da história da nossa cidade com sua cultura, seus modos de habitar e viver nessa cidade que, de tantas maneiras tenta negar sua presença, os invisibilizando no presente. Transcrevo aqui a última fala que anotei antes de encerrar a exposição: “Muito importante falar de temas marginalizados negros, indígenas, travestis e domésticas. Pessoas que estão muito presentes no dia a dia, de diferentes formas, e estão invisíveis pela sociedade”. Considero assim que a exposição cumpriu seu papel enquanto extensão universitária.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CURY, Marília Xavier. 2009. Novas Perspectivas para a Comunicação Museológica e os Desafios da Pesquisa de Recepção em Museus. Actas do I Seminário de Investigação em Museologia dos Países de Língua Portuguesa e Espanhola, V.1, pp. 269-279. Acessado em: 04 set. 2017. Online. Disponível em: <http://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/8132.pdf>